

A NOVA maternidade

O sonho de ser mãe é hoje, para muitas mulheres, um objetivo alcançado depois dos 30 anos. A maternidade chega mais tarde e, com esse adiamento, nascem novos desafios. Será que se mantém igual, na sua essência? *Por Leonor Antolin Teixeira*

O mundo mudou. Hoje, estamos mais bem preparados, tecnológica e cientificamente, temos mais médicos especialistas, mais possibilidades de tratamento aos mais variados níveis, mais acesso à educação e à arte, maior liberdade de expressão e um mundo (quase) infinito de possibilidades. Porém, também temos mais medo, mais cuidados, mais preocupações e menos espontaneidade. Talvez também por isso, temos menos filhos e somos, por outro lado, mais perfeccionistas e exigentes.

Hoje, ser pai ou mãe tornou-se um ato "muito exigente e que causa até angústia", segundo refere o estudo 'A Intenção de Ter Crianças e o Adiamento em Tempos de Incerteza', realizado pela socióloga e investigadora Vanessa Cunha, em parceria com o centro de investigação da Universidade de Évora. Publicado recentemente e efetuado com o objetivo de compreender o adiamento da parentalidade em Portugal, o estudo conclui que a geração que nasceu entre 1970 e 1975 tem um adiamento intenso do nascimento do primeiro filho, e que quase 30% dos homens e 20% das mulheres ainda não tiveram o primeiro filho. A investigadora refere, com base nos resultados: "A tarefa de ser pai ou mãe tornou-se muito exigente, causando angústias que podem levar ao adiamento da parentalidade. Parece que temos de ser muito qualificados em termos parentais para assumir este compromisso. Atualmente, há muitas pessoas que sentem insegurança acerca de 'se vão saber ser pais e se vão conseguir exercer convenientemente este papel', ao contrário do que acontecia na geração anterior, em que a parentalidade era assumida mais naturalmente, sem este tipo de angústias e incertezas", explica a investigadora do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa.

Denominada de 'geração do filho único', a nossa é a geração das 'mães de primeira viagem' a partir dos 30 anos, dos casais que adiam a decisão de constituir família em detrimento de uma carreira (supostamente) de sucesso e dos outros casais que querem ter

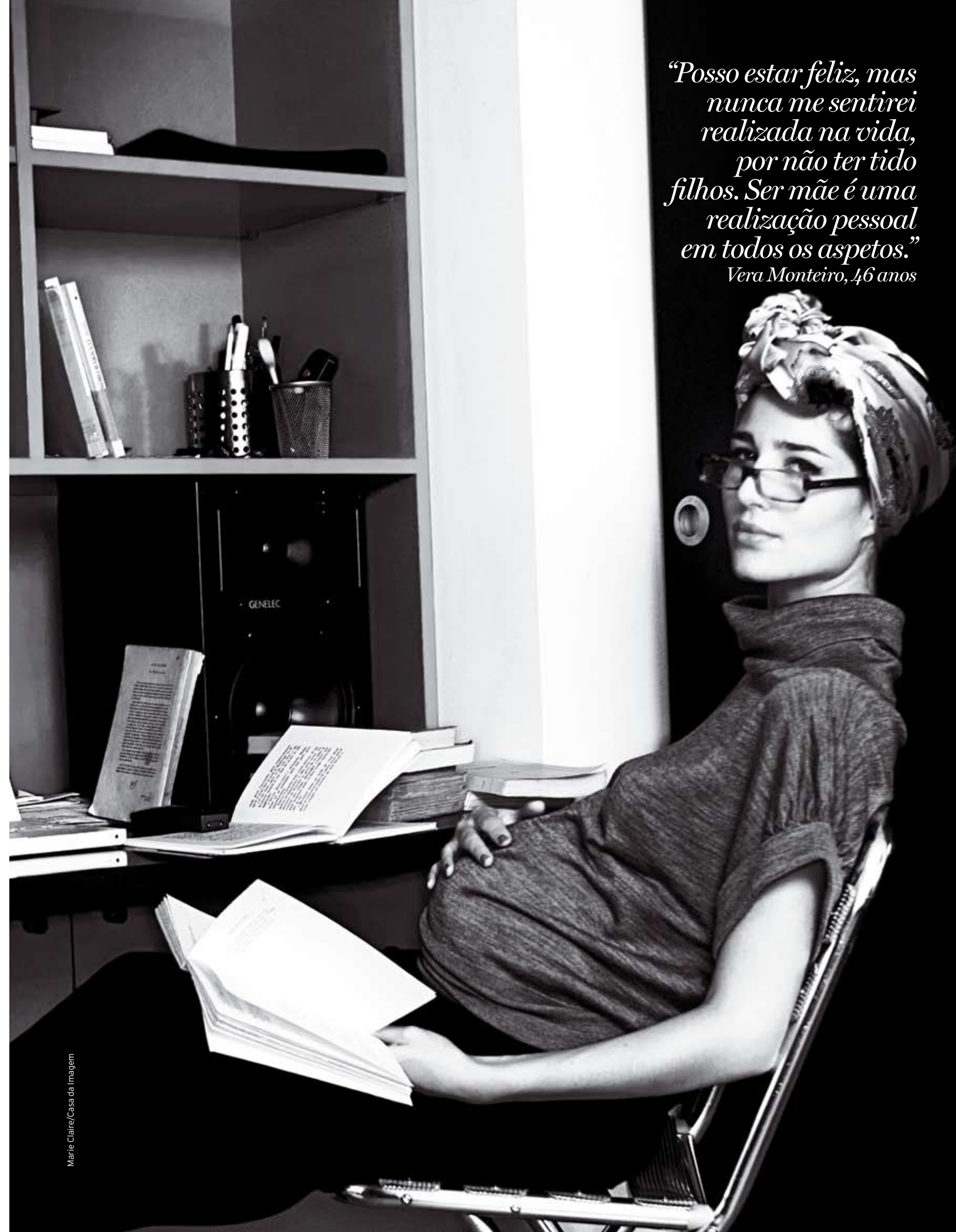
filhos, mas, talvez por adiarem essa decisão ou simplesmente por motivos físicos e psicológicos, não conseguem... A nossa é a geração desses filhos que vêm em formato único e desse projeto de uma maternidade que foi adiada. Serão as mães de hoje diferentes das de ontem? Teremos nós mais insegurança, apesar de mais idade? Eu própria, mãe pela primeira vez aos 32 anos, sinto que sou diferente da minha mãe. Talvez as circunstâncias de vida assim o tenham exigido, ou talvez seja, simplesmente, porque 'os tempos são outros'...

Que nova forma é essa que ganha hoje o conceito de maternidade? "A maternidade tem sofrido alterações ao longo dos tempos. Fatores como a emancipação da mulher, o acesso à escolaridade e a sua inserção no mercado de trabalho contribuíram para mudanças, não só no conceito de maternidade, mas também no próprio conceito de mulher. Atualmente, as mulheres confrontam-se com desafios diferentes daqueles de outros tempos: têm de conciliar trabalho dentro e fora de casa, de se dividir em múltiplos papéis (filha, profissional, esposa, mãe...) e de lidar com pressões socioculturais para o sucesso nas mais diversas áreas (académica, profissional, familiar, etc.). O adiamento da maternidade surge, na maioria das vezes, como uma consequência inevitável do desejo de realização profissional e da dificuldade em conciliar as exigências profissionais com as responsabilidades pessoais, familiares e domésticas da mulher atual", explica a psicóloga Cláudia Madeira Pereira.

Diferenças de parentalidade e erradas compensações

O relógio não para e o tempo parece ser apertado para tudo o que traz um dia novo. As reuniões na empresa são cada vez mais frequentes, porque as exigências são cada vez maiores... Na escola, os miúdos têm inúmeras atividades que precisam de acompanhamento e de reuniões com os professores... Em casa, a roupa acumula-se e o bebé não para de chorar! Com uma sociedade

"Posso estar feliz, mas nunca me sentirei realizada na vida, por não ter tido filhos. Ser mãe é uma realização pessoal em todos os aspetos."
Vera Monteiro, 46 anos



que exige cada vez mais de nós, mulheres e homens, também o conceito de parentalidade parece ganhar uma nova forma. Consequência desse ritmo sempre mais acelerado, hoje os casais dividem tarefas, conseguindo, assim, viver uma vida (um pouco) menos atarefada, como sublinha a especialista Cláudia Madeira Pereira: “As exigências dos tempos modernos conduziram a diversas mudanças na conjugalidade e na parentalidade, assistindo-se hoje à divisão mais equilibrada das tarefas e à partilha mais equitativa das responsabilidades, familiares e domésticas, entre homens e mulheres.” Para Ana Paula Pires, de 39 anos, mãe de duas meninas, Margarida, de 8 anos, e Clara, de 1, seria quase impensável ter um segundo filho sem a ajuda do marido. Conciliar a vida pessoal e profissional seria algo muito difícil, como refere: “Sem uma divisão ou partilha de tarefas, seria complicado, no meu caso, pensar num segundo filho. Quando se pensa em construir uma família, parte-se do princípio de que a vida passa a ser a partilha, a todos os níveis. Não digo que seria impossível, mas claro que era muito mais complicado conciliar a vida pessoal e profissional. O equilíbrio é fundamental, para mim e para o meu marido... Seria, também, muito complicado para ele conciliar tudo sem a minha ajuda.”

A psicóloga Cláudia Madeira Pereira sublinha, no entanto, que o novo ritmo familiar pode trazer consequências prejudiciais, ao nível da educação: “Hoje, é-se mãe e pai mais tarde e as mães estão empregadas, trabalhando não só (mas também) em casa, o que tem contribuído para uma diminuição da supervisão parental, face a outros tempos... Por causa disso, mas também devido ao excessivo número de tarefas e à extensão do horário de trabalho, que, muitas vezes, excede as oito horas diárias, os pais passam menos tempo com os filhos e têm menos disponibilidade psicológica para eles (devido ao stress, ao cansaço, à fadiga).”

O novo paradigma traz, também, consequências ao nível do próprio comportamento das crianças. A falta de tempo leva a uma compensação errada dos pais aos filhos, prejudicando o resultado final: “O mais preocupante é que, muitas vezes, para compensarem o pouco tempo que passam com os filhos ou a pouca atenção que lhes dão (devido ao cansaço e/ou ao stress originados pelo trabalho), os pais acabam por lhes fazer todas as vontades. Podemos dizer que, ao longo dos tempos, se tem assistido a mudanças na parentalidade ‘do oito para o oitenta’. Noutros tempos, prevalecia o estilo parental autoritário, em que os pais valorizavam o respeito pela autoridade e impunham limites restritivos à autonomia dos filhos, recorrendo a medidas punitivas para controlar o seu comportamento e conseguir a sua obediência. Hoje, pelo contrário, vemos um grande número de pais permissivos, que não fazem uso claro do poder que têm, evitam exercer controlo ou estabelecer regras e disciplina e não encorajam a obediência... Isto tem contribuído para que cheguem até

nós, psicólogos, cada vez mais crianças com baixa tolerância à frustração (não são capazes de aceitar um ‘não’) e incapazes de adiar a gratificação, tendo tudo o que precisam para serem felizes (até demais...!), mas sentindo-se constantemente insatisfeitas, tornando-se crianças irritáveis e agressivas.”

Novas exigências da sociedade

Dentro e fora de casa, as mulheres deparam-se hoje com novas exigências sociais. Mãe, mulher, esposa, filha e profissional, deseja-se, idealmente, o alcance do sucesso a todos os níveis. As mulheres confrontam-se com desafios diferentes daqueles com que se deparavam nas gerações mais antigas e, apesar de os homens acompanharem a evolução dos tempos e ajudarem, é o próprio mecanismo social que se torna crítico em relação ao papel da mulher, como refere a psicóloga: “Atualmente, as mulheres trabalham em casa como antes, mas também trabalham fora de casa, tanto como os homens. É verdade que, como foi referido anteriormente, os novos paradigmas da conjugalidade e da parentalidade também estão a mudar para se adaptarem a esta nova realidade, com os homens a participarem também nas tarefas domésticas e na prestação de cuidados aos filhos. No entanto, a sociedade mantém ainda muitos preconceitos, considerando estas tarefas ‘femininas’ e esperando que seja a mulher a desempenhá-las. Atualmente, as mulheres são sujeitas a diversas pressões socioculturais para corresponderem às expectativas sociais de que sejam bem-sucedidas nas mais diversas áreas... Espera-se das mulheres que sejam boas profissionais, boas filhas, boas esposas, boas mães, boas donas de casa, e, ainda, que saibam desdobrar-se em múltiplas facetas para corresponderem aos ideais de beleza, elegância, sensualidade e sexualidade, na medida ‘certa’ e nos momentos oportunos. São tantas exi-

gências que se torna difícil, para as mulheres, sentirem-se plenamente felizes, satisfeitas e realizadas, nos dias que correm.” Outras exigências são as da expectativa que se desenvolve, por terceiros, em torno das mulheres. Espera-se da mulher que tenha filhos no decorrer da década dos 30 anos – se não conseguir antes – e, se os tiver, que os tenha, idealmente, com um parceiro com quem mantenha uma relação estável. Não é, no entanto, o que acontece com Madalena, de 41 anos, que decidiu ser mãe mesmo sem essa estabilidade assegurada: “Os meus amigos e familiares só me perguntam: ‘Porque recorres a algo tão radical?’. Ainda custa à nossa sociedade aceitar uma ‘mãe solteira’, quanto mais uma mulher que decide ter um filho sozinha e que, para tal, recorre a uma clínica, seja por mera doação de esperma, seja por processos mais elaborados como uma fertilização *in vitro*. As pessoas acham logo que é porque a mulher é lésbica ou muito feia e não tem com quem engravidar... As pessoas casadas, com filhos, os pais, os irmãos com uma vida mais tradicional,

gências que se torna difícil, para as mulheres, sentirem-se plenamente felizes, satisfeitas e realizadas, nos dias que correm.” Outras exigências são as da expectativa que se desenvolve, por terceiros, em torno das mulheres. Espera-se da mulher que tenha filhos no decorrer da década dos 30 anos – se não conseguir antes – e, se os tiver, que os tenha, idealmente, com um parceiro com quem mantenha uma relação estável. Não é, no entanto, o que acontece com Madalena, de 41 anos, que decidiu ser mãe mesmo sem essa estabilidade assegurada: “Os meus amigos e familiares só me perguntam: ‘Porque recorres a algo tão radical?’. Ainda custa à nossa sociedade aceitar uma ‘mãe solteira’, quanto mais uma mulher que decide ter um filho sozinha e que, para tal, recorre a uma clínica, seja por mera doação de esperma, seja por processos mais elaborados como uma fertilização *in vitro*. As pessoas acham logo que é porque a mulher é lésbica ou muito feia e não tem com quem engravidar... As pessoas casadas, com filhos, os pais, os irmãos com uma vida mais tradicional,

têm alguma dificuldade em entender as razões. Perguntam-me por que não engravidado de alguém, ou porque não opto por ter filhos com algum dos muitos namorados que já tive e que querem ser pais (mesmo que não nos désemos bem!).

Para mim, aquela coisa do ‘engravidas, tens o filho e depois ele que se amanehe’ não dá. Nunca quis fazer isso, mas a verdade, também, é que as coisas não são simples... O que acontece, a maior parte das vezes (tenho várias amigas ou conhecidas, mulheres solteiras e com bons empregos, que estão em processos semelhantes) é que, quando damos conta, o tempo já passou e temos dois a quatro anos para ter filhos. Não vamos começar, como loucas, tipo a Charlotte de ‘O Sexo e a Cidade’, a querer engravidar ao fim de um mês de namoro com o primeiro homem que apareça! A cada relação falhada, somos confrontadas com a urgência da decisão: ‘Quero ou não quero ter filhos?’ Isso coloca uma grande pressão na relação...”

Para Madalena, trata-se, acima de tudo, de uma vontade pessoal e de uma escolha. Apenas o tempo ditará se ela será ou não a mais acertada, como acrescenta: “Queremos mesmo engravidar de alguém com quem não partilhemos os princípios, a educação ou a perspetiva de vida? Se não funciona a relação, a parentalidade vai funcionar? Acho difícil... Esta minha decisão é uma questão mesmo pessoal, de não querer ser confrontada com o facto de, a cada nova relação, ter de decidir se quero ter filhos ou não (até porque, na minha idade, a maior parte dos homens já tem). É uma pressão muito grande... Por isso, preferi optar por tentar por mim. Depois, logo vejo se há uma relação que valha a pena. Não queria fazer depender o ‘ter filhos’ do ‘ter uma boa relação’. É uma opção; o tempo dirá se é correta ou não. Claro que também penso como vai crescer um filho sem pai (já para não falar na questão legal, visto que uma criança não pode ser filha de pai incógnito), mas há tantas crianças com pais cuja referência não é das melhores... Falei com psicólogos sobre o tema e, pelo que entendi, o importante é haver uma figura masculina presente, mas pode ser o tio, o avô ou o padrinho...” Madalena já tentou engravidar várias vezes com doação de esperma, uma vez que lhe parecia “a solução mais parecida com o processo natural”, mas sem sucesso. “Devido à minha idade (fiz essas tentativas aos 38, 39 anos), o especialista recomendou-me avançar para a fertilização *in vitro* com recurso a esperma, e depois a colocar os em-

brões no útero. Assim, aumentaria as minhas hipóteses de engravidar, que, nesta idade e com recurso apenas ao esperma, são muito baixas, entre 15 e 20%”, explica. A recorrer atualmente à fertilização *in vitro*, em Espanha, Madalena continua na expectativa.

Para Isabel Laranjo, o sonho da maternidade tem diferentes contornos. Aos 38 anos, quer ser mãe, se encontrar a pessoa ideal para partilhar essa vontade. A figura do pai é algo que não dispensa, como explica: “Quando era miúda, dizia sempre que nunca iria casar-me e ter filhos. Comecei a mudar de ideias a partir dos 30 anos... Nessa altura, acho que os amores também são diferentes. O meu conceito de filho prende-se, precisamente, com isso. Para ter um filho, tem de ser com alguém que ame, mesmo que esse amor não seja para sempre. De outra forma, não. Já poderia ter sido mãe, mas preferi que não acontecesse. Além do amor, o meu filho tem de ter um pai, e, para mim, essa fasquia é elevadíssima. Podemos separar-nos, mas tem de ser uma pessoa que me dê perspetivas de confiança, tem de ser um pai sempre presente, com capacidade para educar e brincar, alguém que saiba dar carinho e que seja igual, em amor, para todos os filhos. Tem de ser um pai alegre, que saiba rir muito, um pai ‘bonito’, um pai que raramente se mostre sisudo e que imponha respeito, mas pelo amor. Tem de ser alguém que nunca se mostre um tirano, porque isso é o pior que há, sobretudo quando os miúdos entram na adolescência! Quero um pai mesmo pai, daqueles que dá vontade de abraçar e de esconder todos os disparates que se fazem! Se estas condições não se reunirem, não serei mãe, com grande pena minha, mas é assim!”

Tal como Isabel Laranjo, também Madalena quer ter filhos, porque, na verdade, nunca se imaginou sem descendência. “Quero filhos biológicos, com a minha herança genética, o meu cabelo, as minhas mãos, o meu nariz... Nunca me imaginei sem filhos, apesar de agora, às vezes, já pensar nessa hipótese, porque há sempre a possibilidade de não conseguir engravidar, aos 41 anos. Se tiver de ser, será, mas quero explorar todas as opções. Depois, ainda posso tentar adotar...”, refere.

Para outras mulheres, essa não é uma opção de vida, nem motivo de realização pessoal, como acrescenta Madalena: “Ainda no outro dia um amigo meu acabou com uma namorada (de 34 anos), porque ela lhe disse que nunca iria querer ter filhos e ele está mortinho por ser pai... Somos todas pessoas esclarecidas, com empregos diferenciados, mas ainda houve no nosso grupo quem achasse que ela era meio desequilibrada! Pode ser ou não, mas pode muito bem ter o direito de não querer ter filhos. Assim como eu deveria ter o direito



United Colors of Benetton

de ter opção em Portugal e não ter de andar a correr para Espanha, como se fazia nos anos 70 e 80 para fazer um aborto! É uma tristeza que o nosso país esteja tão atrasado neste ponto!”

O problema da infertilidade

Ana Braga sempre soube que só tarde iria ser mãe. As prioridades de vida que tinha na altura da ‘idade fértil’ (os especialistas afirmam que, aos 35 anos, a fertilidade da mulher é metade da que era aos 25 anos, e que, aos 40, a fertilidade cai para metade do que era aos 35) eram outras e a organização do seu projeto enquanto pessoa era algo cuja satisfação ainda não tinha chegado: “Soube que iria ser mãe mais tarde, porque sempre dei prioridade a outras áreas da vida. Queria ser mãe quando de alguma forma já me sentisse satisfeita com a organização da minha vida em outras áreas.” Os 33 anos pareceram-lhe, portanto, a altura perfeita para engravidar: “Eu e o João tínhamos pensado ter um filho em 2010/2011, portanto quando eu teria cerca de 33 anos. Pareceu-nos a altura correta, em parte pela estabilidade profissional e, sobretudo, porque já tínhamos ‘curtido’ bastante a nossa relação, só nós dois! Já tínhamos a ‘barriga cheia’ de borgas, de férias, de fins de semana só para nós e de

levarmos uma vida, felizmente, sem grandes preocupações...” Porém, a gravidez não chegou. Cerca de sete meses depois de o casal começar a tentar, a dificuldade parecia cada vez maior, e ao insucesso repetido sucederam-se as primeiras consultas na especialista: “Nessa fase, a médica prescreveu-me apenas um tratamento para facilitar a ovulação, mas mais nada, referindo que as ecografias do útero e dos ovários eram bastante boas e que hormonalmente não poderia estar melhor...”, explica. O espermograma do marido apresentava valores normais, pelo que se tornava urgente olhar para a questão concreta da infertilidade. Seguiram-se novos exames, nos quais foi detetada retenção nas duas trompas de Ana. A médica dava indicação de cirurgia, mas, por insistência do casal, o passo seguinte foi a tentativa da fertilização *in vitro*. Não resultou...

Foi preciso andar ano e meio neste processo (pelo setor privado, porque no público a espera média para a primeira consulta é de um ano) até se perceber que a qualidade ovocitária era baixa. Cinco meses depois, o casal avança para a cirurgia. Confirma-se que quase todos os órgãos ginecológicos estavam envolvidos em aderências: “Os ovários tinham uma espécie de dois ‘sacos de plástico’ à volta.” Foi retirada a trompa direita por estar demasiado danificada, ficando a esquerda como esperança. No início deste ano, confirma-se novo diagnóstico de má qualidade ovocitária, mas havia um óvulo bom. “O médico aguarda pelo embrião em laboratório para ver a sua evolução e liga-nos no dia seguinte (nós já estávamos de rastros!) a comunicar que o embrião tinha evoluído bem e que iria transferir apenas esse. Ficámos extasiados de alegria. No entanto, sabíamos que o problema existia e que a transferência de apenas um embrião diminuía a probabilidade de o tratamento resultar em gravidez. Porém, o nosso pequeno embrião foi-se dividindo

bem e o resultado foi positivo”, refere Ana Braga.

Pelo caminho, houve muita dor, mas também muita esperança: “Pensamos que, apesar de tudo, tivemos bastante sorte, porque existem situações clínicas muito mais graves e há casais que estão nesta luta muito mais tempo do que nós. É um caminho muito desesperante, uma espécie de deserto que parece não ter fim... As probabilidades de os tratamentos resultarem em gravidez são relativamente baixas, os problemas que podem acontecer são imensos e o dinheiro envolvido é mais do que muito: em pouco mais de um ano, gastámos mais de dez mil euros para ganhar esta luta! A vida fica literalmente em *suspense*, emocional e financeiramente. Todas as conversas que os casais têm sobre como vai ser quando tiverem filhos, quantos filhos vão ter, se preferem rapaz ou rapariga ou quais os nomes que preferem, deixam de acontecer, e o casal fica com este enorme vazio na sua vida, na sua relação.”

Assim como Ana Braga, também Vera Monteiro, de 46 anos, teve dificuldade em engravidar. Sempre quis ser mãe e tinha os nomes para os cinco filhos que sempre quis ter, todos rapazes... Porém, nunca conseguiu. Quando se deparou com o problema de infertilidade do marido, não se deixou ir abaixo e lutou, sempre com mais força. No entanto, os anos foram passando e o resultado era sempre o mesmo: negativo. Pelo meio, surgiram uma depressão crónica e o divórcio. “Foi um processo muito doloroso, que se prolongou durante sete anos. Quando os resultados dos exames revelaram que o problema era do meu marido, ele reagiu muito mal e a minha sogra também... Foi complicado. Comecei a ser seguida no privado, mas era muito caro! No total, gastámos cerca de 15 mil euros em tratamentos. Era incomportável. Não há nenhuma ajuda do Estado, é injusto! Portanto, quando o dinheiro acabou, tivemos de continuar no público. Ainda fui seguida no Hospital de Santa Maria, mas o tempo de espera era inacreditável! Insisti, nunca me fui abaixo e o esforço acabou por compensar: fiquei grávida!”, refere. No entanto, o *stress* do trabalho e a pressão de um quotidiano exigente acabaram por ter consequências negativas, como acrescenta: “Estava grávida de três meses e trabalhava muito... Chorava todos os dias com complicações no trabalho, o meu chefe fazia-me a vida negra e acabei por perder os bebés (eram gémeos). Não aguentei e fui-me abaixo, desisti! Resultado: fiquei com uma depressão tão grande que acabei por dizer ao meu marido que queria o divórcio e cheguei a pensar em suicídio... Estava muito mal. Separei-me, saí daquele emprego e acabei por ir recuperando lentamente...” Hoje, Vera é casada e vive com dois enteados que a tratam como mãe e que adora, mas o sonho de ser mãe é algo que continua a causar um vazio: “Emocionalmente, é algo que ainda não consigo gerir muito bem... É uma ferida que tentei fechar, mas que nunca estará fechada, uma sensação de vazio. Tenho os dois filhos do meu marido, que me tratam quase como mãe, tenho uma paixão enorme por eles, mas, de facto, ser mãe é outra coisa... Posso estar feliz, mas nunca me sentirei realizada na vida. Ser mãe é uma realização

personal, em todos os aspetos.” Estatísticas mundiais a respeito da infertilidade mostram que cerca de 15% dos casais que desejam engravidar apresentam algum tipo de infertilidade. Para Ana Teresa Almeida, presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina de Reprodução (SPMR), o problema passa, muitas vezes, por fatores externos que passam despercebidos: “Verificam-se cada vez mais fatores masculinos associados aos níveis de infertilidade. Também há muitas situações mistas que diminuem a qualidade do esperma e que podem estar relacionadas com fatores externos, como, por exemplo, o tabaco. Depois, apesar de não haver uma relação direta dos fatores psicológicos com os níveis de infertilidade, sabe-se que o *stress* causado pelo trabalho ou o facto de as pessoas estarem desempregadas e deprimidas afeta a qualidade e a frequência das relações sexuais e isso, por consequência, traz menores taxas de natalidade...”, explica. Para a psicóloga Cláudia Madeira Pereira, o fator psicológico acaba por ser determinante no sucesso da gravidez: “Há estudos que sugerem que o *stress* durante a gravidez pode aumentar o risco de aborto espontâneo. De facto, o bem-estar psicológico da grávida é fundamental. O apoio do companheiro, a sua presença no acompanhamento às consultas, nas sessões de preparação para o parto e durante o parto são tudo elementos que podem facilitar as vivências psicológicas durante a gravidez e no pós-parto.”

Segundo os últimos dados do INE, a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho em 2012 era de 29,5 anos. Em 2011, registou-se o nascimento de 96.856 nados vivos, menos quase 5000 (4525) do que em 2010. A taxa de fecundidade em 2011 era de 1,35.



United Colors of Benetton

Para a presidente da SPMR, Ana Teresa Almeida, sublinha, no entanto, outro fator importante: “Com a idade média da primeira gravidez a rondar os 30 anos, é cada vez mais frequente a ida de mulheres

ao especialista com idades já próximas dos 40, o que torna difícil o sucesso da gravidez. Seja por razões de carreira, porque as mulheres sentem hoje necessidade de ter independência para seguirem os seus estudos, para encontrarem um emprego e, eventualmente, para fazerem uma pós-graduação e um doutoramento, os motivos de adiamento da maternidade são inúmeros... Depois, há uma necessidade económica: com o desemprego e com a necessidade de emigração dos jovens, acaba por se protelar a decisão para dias melhores, em que haja mais estabilidade. Efetivamente, tudo isto contribui para que, cada vez mais tarde, as mulheres recorram aos serviços especializados quando têm alguma dificuldade e, muitas vezes, recorrem já no limite... Temos frequentemente mulheres no serviço público a chegarem aos 40 anos (o limite em que podemos ajudá-las no setor público; no privado, é aos 42 ou 43 anos), que concluíram que agora é que têm as condições mínimas... Se calhar nem têm, mas sentem que o tempo lhes foge.”

Os tempos mudam, a sociedade transforma-se e, com essa evolução, surgem novas tendências, novas vontades e novas formas de encarar o mundo. A essência do ser humano e, mais concretamente, da mulher, contudo, parece manter-se. Apesar de diferente na forma, o conceito de maternidade é igual na sua génese. Interessa-nos o alcance de um objetivo único: proteger os filhos e proporcionar-lhes uma vida feliz. No fundo, como noutros tempos, também hoje todas nós, mulheres, procuramos o caminho para a felicidade. Para algumas, cumpre-se o sonho de ser mãe; para outras, não. ●